

O Jogo da Esquerda/Direita [RASCUNHO 1] 10/02/2017

(Possível abertura) (Quero me dirigir a você, ouvinte, por um momento, com um aviso sobre o episódio a seguir. Tenho certeza de que não passou despercebido que cada trecho da série até agora foi palco de alguma ocorrência estranha e inexplicável, e abrangeu muitos quilômetros de viagem. Desnecessário dizer que isso foi intencional. Estive resumindo as incontáveis horas de meandros sem intercorrências e tomando cuidado extra para documentar os fenômenos estranhos que encontramos ao longo do caminho e eu queria que a história fosse rápida, para ter uma sensação real de progresso a cada capítulo.

Se essa curiosidade é o motivo pelo qual você está ouvindo este programa, eu entendo perfeitamente. Tenho certeza de que é o principal atrativo para quase todos vocês; as reviravoltas, os acontecimentos bizarros e os encontros misteriosos e estranhos ao longo de uma estrada impossível.

Mas se for esse o caso, sinto que é meu dever informar que, com algumas exceções notáveis, quase não haverá terreno coberto neste segmento, e os monstros que encontraremos serão muito humanos: estresse, divisão, desconforto e, como se pode imaginar, tristeza.

Se você quiser ler a sinopse desse episódio no site e aguardar a próxima parte, então você já estará em dia e tenho certeza que estaremos de volta ao caminho, rumo mais uma vez ao grande desconhecido. Mas sinto que é importante dar mais notícias sobre Ace no seu próprio episódio, em parte devido ao significado das revelações que foram feitas após sua captura, mas também como um gesto de deferência ao homem que perdemos.

Esta é a história da nossa segunda noite na estrada.)

Ao virarmos à esquerda, o espaço horrível atrás de nós é rapidamente substituído por um vazio silencioso à frente. O Wrangler rasteja, derrotado, em direção ao comboio que o espera. Os quatro carros restantes estão estacionados aleatoriamente, ocupando mais da metade da estrada. Rob vai até o final da pista, tentando ultrapassar e retomar a formação. Ambas as mãos repousam no volante, os olhos fixos em algum ponto distante no espaço. Não é difícil imaginar que por trás do foco e do controle silencioso, há um homem em crise, um homem que não consegue dizer nada, com medo de falar demais.

AS: Aqui é Bristol para todos os carros. Estamos voltando para a estrada. Coloquem-se em formação e abram caminho para aqueles que estão ao seu redor. Temos um tempo para dirigir antes de pararmos para passar a noite.

LILITH: Bristol, onde está Ro... Ferryman?

AS: O Ferryman está aqui.

APOLLO: Onde está Ace?

AS: Ace é... Ace não conseguiu atravessar.

APOLLO: Uhh, o quê?

LILITH: Que porra é essa? Bristol, onde ele está?

Seria simples descrever o que aconteceu, ou pelo menos resumir os fatos mais básicos; o que aconteceu com Ace, onde ele está agora, por que ele não vai voltar. Mas, por alguma razão, não consigo pronunciar uma palavra sobre o que aconteceu. Algo no evento em si torna impossível recontá-lo, como se as frases necessárias estivessem trancadas atrás de um vidro.

AS: Precisamos chegar ao ponto de parada. Não é seguro ficar aqui.

Pouco depois de virarmos a esquina da Sycamore Row, Rob deu a entender que o resto da viagem seria tranquila. Se ele tivesse esperado apenas mais alguns minutos, estaria totalmente correto. Ficamos na estrada por mais quatro horas, ambos cuidando silenciosamente de nossas próprias preocupações enquanto a floresta diminuía gradualmente. A paisagem dá lugar a campos de milho ondulados, que se estendem para além do horizonte em ambos os lados.

Nada de notável acontece, o que é irônico, pois me pego digitando muito mais notas do que preciso.

Com o sol descendo através de um céu laranja, chegamos a uma clareira, ao lado de um bosque selvagem de macieiras. Rob desliga a ignição e nós dois ficamos sentados em silêncio. A necessidade de Rob se concentrar em dirigir tinha sido uma boa desculpa para ficar quieto, uma boa desculpa para não me encarar. Agora, porém, as rodas não estão girando e a verdadeira razão para a nossa reticência mútua é muito clara.

AS: Você acha que ele está morto?

ROB: Eu não sei.

A resposta de Rob não é tranquilizadora e estou estranhamente grata por isso. Não há palavras de conforto que ele possa me dar, e qualquer tentativa teria parecido terrivelmente insincera, uma zombaria da gravidade onerosa da situação. De qualquer forma, dadas as circunstâncias da captura de Ace, nem tenho certeza de qual resposta quero ouvir.

Lilith aparece na minha janela, batendo os nós dos dedos no vidro com uma impaciência agressiva. Eu não esperaria nada menos agora. Todos no comboio foram obrigados a seguir uma ordem unilateral, a minha ordem, sem explicação. Eles viajam há horas acompanhados

pela ausência flagrante de outro ser humano. Olhando pelo retrovisor, vejo o resto do comboio, parado ao lado de seus carros, observando o Wrangler com expectativa.

As mãos de Rob ainda não saíram do volante.

Respirando fundo, empurro a porta e saio para a grama. O chão é macio abaixo de mim enquanto caminho até o grupo. Recentemente choveu. Começo a abordar o semicírculo aproximado, quase parece uma das reuniões de Rob.

EVA: O que está acontecendo, Bristol?

APOLLO: Ace voltou?

Eu encontro os olhos de Apollo. Por um breve momento, considero contar exatamente o que aconteceu. Talvez isso os salvasse da dor lenta e pesada que atualmente pesa em meu peito. Talvez isso apenas me salvasse de uma conversa difícil. De qualquer forma, sei que não posso mentir para eles. Eles merecem a verdade, por mais desagradável que seja.

AS: Não, ele não voltou; eles paralisaram o carro dele.

LILITH: O caminhão de reboque? Ele saiu?

A resposta não vem facilmente. Estou sendo pressionado a dizer essas palavras em voz alta e, ao fazê-lo, a reconhecer plenamente o que aconteceu. Parece que estou sendo levada a um funeral, como se estivesse sendo conduzida verbalmente em direção a um caixão aberto.

EVA: O que aconteceu com ele? Bristol...

ROB: Ele está morto, Eva.

Eu não ouvi Rob sair do carro e se aproximar do grupo. É difícil esconder meu alívio quando ele assume o comando, dirigindo-se a todos com naturalidade. Agora é realmente como uma de suas reuniões.

ROB: Dois caras no caminhão de reboque saindo de Jubilation. Eles o pegaram. Eles o levaram de volta com eles para a cidade. Da forma como o estavam tratando, ele não durará muito.

BONNIE: Ah, meu Deus...

EVA: O quê? Rob, o que eles vão fazer com ele?

ROB: Não posso te contar. Nada parecido com isso aconteceu antes.

LILITH: Bem, precisamos voltar.

ROB: Isso não vai acontecer.

LILITH: Não vamos abandoná-lo, porra.

AS: Lilith...

LILITH: Vamos voltar!

ROB: Não, não vamos.

APOLLO: Eu e Rob podemos ir. Você conhece o lugar, certo Rob?

ROB: O garoto está morto, Apollo.

LILITH: Mas ele estava vivo quando você o viu pela última vez?

ROB Isso mesmo.

LILITH: Então em que ponto você decidiu que ele estava morto?

ROB: Quando eu o vi sendo carregado com a porra de um gancho de reboque enfiado na boca! Maldição.

Rob não deveria ter dito isso. Compreendo as suas razões, claro; ele quer transmitir uma verdade importante de que nada pode ou poderia ter sido feito para salvar Ace. Sua horrível escolha de palavras faz o trabalho, mas também envia uma onda de perturbação pelo grupo, plantando na mente de todos a imagem horrível que venho tentando o dia todo arrancar.

Bonnie cobre a boca em choque e tristeza. Eva fica visivelmente pálida, e até mesmo Lilith, que pretendia liderar um pequeno motim, fica surpresa.

LILITH: Você... Você viu isso Bristol?

Eu aceno solenemente. O grupo se irrita com minha afirmação.

AS: Eu vi o suficiente. Eu tive que fechar os olhos quando isso aconteceu, Rob tentou salvá-lo até...

Antes que eu possa terminar minha declaração, minhas palavras são interrompidas por algo verdadeiramente inesperado. Em resposta espontânea às minhas palavras, uma forte explosão de risadas zombeteiras e sarcásticas ressoou dentro do comboio. Um por um, voltamo-nos

para a sua fonte, até que todos nos encontramos olhando para Bluejay. Sua risada sem remorso preenche o ar silencioso da noite.

AS: Alguma coisa engraçada, Bluejay?

Bluejay tenta falar muito lentamente, diminuindo o riso.

BLUEJAY: É que você se diz jornalista... Hahaha, você fechou os olhos, meu Deus... Aí está! Aí está.

AS: Desculpa?

BLUEJAY: Você fecha os olhos para truques de mágica também?

EVA: Que porra é essa, Bluejay?

APOLLO: Vamos, não é hora.

BLUEJAY: Oh, já passou da hora. Sério, vocês são todos idiotas? O Jogo da Esquerda/Direita é uma farsa. É falso! Rob Guthard enganou todos vocês como crianças! Ace está bem, ele provavelmente é um ator! O caroneiro também é um ator, assim como as pessoas da cidade também. Quero dizer, vamos lá.

O grupo fica surpreso com o discurso incrédulo de Bluejay. Ela claramente está segurando a língua desde o primeiro dia; nossa reação à captura de Ace representa apenas um passo longe demais.

AS: Eu vi Rob atirar em um daqueles moradores da cidade com um rifle de caça. Eu vi a ferida. Foi real.

BLUEJAY: Foi um truque cheio de sangue falso. O rifle provavelmente estava carregado com balas de festim. Você pode comprar ambos em qualquer boa loja de teatro. Sério, o que diabos há de errado com vocês?

LILITH: Ok, em primeiro lugar, não gosto do seu maldito tom. Em segundo lugar, você notou que somos os únicos carros na estrada há quase dois dias? E Jubilation? Você está sugerindo que Rob alugou uma cidade inteira? Isso seria impossível.

BLUEJAY: Ah, sim, claro, ISSO é impossível, mas é totalmente crível que estamos dirigindo em uma estrada mágica. Talvez este seja o golpe de maior orçamento que já vi, mas é só isso, um golpe. E a Al Jazeera aqui está lhe dando toda a publicidade que ele deseja. Quero dizer, essas pessoas são ovelhas e Rob é um maldito pastor.

Minha mãe costumava me dizer que não se pode atacar uma pessoa na estrada. Olhando para o sorriso sombrio de auto-satisfação de Bluejay, estou mais do que tentada a discordar.

AS: Ok, Bluejay, é justo. Não vou fingir que sei o que está acontecendo aqui. Pelo que sei, você pode estar certo. Mas por que Rob gastaria o orçamento de produção de um filme de Hollywood para enganar uma jornalista de rádio e duas youtubers? Acredite em mim, nosso site não recebe tráfego suficiente para-

BLUEJAY: Oh, não seja tão presunçosa. Não é VOCÊ que ele está tentando enganar.

Bluejay se vira para Rob, lançando-lhe um olhar de puro e inalterado triunfo.

BLUEJAY: Admita, Rob. Admita que tudo isso é uma farsa. Admita que você sabia quem eu era antes mesmo de eu sair do carro.

O rosto de Rob parece ter sido esculpido em granito. O grupo olha para ele em busca de uma resposta, mas ele entrega sua resposta diretamente a Bluejay, com os olhos fixos nos dela.

ROB: É verdade... Eu sei quem você é, Denise.

A atmosfera muda e, por um momento, a noite irrompe numa incursão de sussurros. A resposta de Rob claramente significa algo para todos, menos para mim.

EVA: Denise?

LILITH: Denise Carver?

APOLLO: Não. Você está falando sério?

AS: Desculpe, quem é Denise Carver?

LILITH: Ela é a maior desmancha-prazeres do hobby.

BLUEJAY: Oh, vá se foder, sua idiota.

ROB: Denise aqui é membro do Instituto de Céticos e Racionalistas da América. Ela gosta de participar de expedições de caça fantasmas com um nome falso para poder desmascará-los publicamente. Você deve ter percebido que ela não acredita no sobrenatural.

BLUEJAY: Na verdade eu acredito no sobrenatural. Acredito que seja uma indústria de bilhões de dólares construída sobre a venda de mentiras confortáveis aos crédulos, e que prospera com jornalistas de merda e blogueiros de quinta categoria que estão dispostos a publicar qualquer merda que eles acham que lhes renderá cliques.

AS: É por isso que você demorou tanto para contornar o pinheiro. Mesmo quando o caminhão estava vindo atrás de Ace. Você não achou que nada disso fosse real.

BLUEJAY: Uhh... Você achou?

Por mais condescendente que seja sua fala, suas palavras provocam uma compreensão repentina. É verdade que com um orçamento indescritivelmente alto e alguns fantoches hábeis, você provavelmente poderia replicar a maior parte do que vimos na estrada. No entanto, sem me aperceber, acabei por concordar com a versão dos acontecimentos de Rob, defendendo pessoalmente a validade do Jogo da Esquerda/Direita contra os seus críticos. Eu embarquei nessa jornada como Bluejay, como uma cética convicta e confiante, mas em algum lugar entre o túnel e esse momento, me tornei uma crente.

Bluejay percebe minha falta de protesto e se volta para Rob.

BLUEJAY: Estou lisonjeada por todo o seu esforço. Eu não sabia que meu trabalho era tão ofensivo para você.

ROB: Admiro seu trabalho, Denise. Sempre admirei. É por isso que eu trouxe você junto.

BLUEJAY: Isso é besteira. Diga ao seu amigo Ace que ele não pode atuar por merda nenhuma.

Bluejay tira um maço de Marlboros do casaco, acendendo imediatamente, e vai se sentar no capô de seu carro. Seu comportamento sinaliza claramente que sua parte na conversa acabou, embora suas palavras deixem um gosto amargo para todos os envolvidos. Deve ser exaustivo passar dois dias com pessoas cujas opiniões são diametralmente opostas às suas, tendo que ouvir em silêncio enquanto elas corroboram as suas próprias opiniões aparentemente absurdas. Dito isto, no entanto, estou extremamente feliz por ela ter parado de falar. Isso me lembra de uma época em que nos demos muito melhor.

A próxima pergunta vem de Eva, com a voz trêmula.

EVA: Podemos... Podemos morrer aqui, Rob?

A força silenciosa de suas palavras faz com que todos voltem o olhar para Rob. É claro que os outros estão pensando a mesma coisa e estão procurando uma resposta em Rob.

Rob: É possível. A estrada nunca matou ninguém antes. Não enquanto todos seguissem as regras.

LILITH: Mas você disse nos seus e-mails que era perigoso.

ROB: Isso mesmo.

LILITH: Mas você não teve vontade de nos dizer que poderíamos morrer aqui?

Rob se vira para Lilith, claramente ofendido pela acusação dela.

ROB: Na década de 1920, Jon Ebenrow matou 36 pessoas e violou seus corpos. Em um de seus vídeos, vocês foram até a casa dele na Virgínia em busca do fantasma do homem. Bonnie e Clyde certa vez gastaram US\$ 500 para ficar na Iowa Murder House, um lugar que deveria possuir suas vítimas e forçá-las a se matarem.

ROB: Se todos vocês acreditassem honestamente no que estavam perseguindo, deveriam aceitar a morte como resultado toda vez que saíssem de casa. Estamos procurando evidências de outro mundo. O que estamos fazendo aqui tem o significado científico das aterrissagens na Lua, o significado cultural de Colombo ter chegado às Américas e muitas pessoas morreram ao fazer as duas coisas. Se você aceitou o risco de perseguir o fantasma de um serial killer mesquinho, deveria estar disposto a aceitar o risco por isso.

Lilith parece que foi repreendida pelos seus pais. Há um fogo em seus olhos enquanto ela observa Rob, encarando suas críticas com desprezo.

LILITH: Ah, então é culpa do Ace? Ele deveria ter “aceitado o risco”?

ROB: Ele aceitou o risco. Ace tomou suas decisões. Ele viu os perigos da estrada em primeira mão e seguiu em frente. Eu lhe disse que este lugar poderia ser perigoso e talvez você não tenha levado isso a sério. Mas vocês NÃO vão me tratar como se eu tivesse atraído qualquer um de vocês aqui sob falsos pretextos.

Ficamos parados por alguns momentos no vazio desconfortável deixado pelas palavras de Rob. Ninguém sabe ao certo o que fazer.

APOLLO: Bem, o que fazemos agora, Rob? Nós voltamos?

ROB: Não vou tomar essa decisão por você. Se você quiser se separar e voltar, sugiro que espere até de manhã e escalone o horário de saída em uma hora ou mais. Nunca vi nada parecido com o que aconteceu lá antes, mas este é o maior número de pessoas com quem já joguei. Talvez o jogo esteja fazendo alguma coisa.

AS: O que você quer dizer com isso?

ROB: Bem, é a única coisa que mudou. A verdade é que este não é o nosso mundo, por todos os direitos não deveríamos estar aqui. Mesmo quando é só um carro, a estrada sempre tenta te desanimar. Talvez seja como uma bactéria na veia. Um ou dois podem passar despercebidos, mas quando atinge um certo ponto é como um uh...

AS: Como uma resposta imunológica. Você acha que a estrada está rechaçando objetos estranhos?

ROB: E quanto maior o grupo-

AS: Mais violenta a resposta.

Faz sentido, até que Bluejay ri mais uma vez. Ao ouvir a reação dela, reavalio o que estou dizendo e não posso deixar de me sentir um pouco tola com a ideia.

ROB: Talvez. É só uma teoria... Não sei.

Rob se recompõe, recuperando a compostura.

ROB: De qualquer forma, todos vocês têm a manhã para decidir se querem continuar na estrada. Bristol, se quiser ir para casa, tem que encontrar alguém que te leve. Ainda não estou pronto para voltar.

Ele se afasta do grupo e marcha em direção ao Wrangler. Não o verei novamente pelo resto da noite e não tenho intenção de incomodá-lo. Eva e Lilith imediatamente se aproximam de mim, perguntando se estou bem e se revezando para menosprezar as ações de Rob. Não consigo participar. Tudo o que consigo dizer é...

AS: Posso carregar meu telefone no seu carro?

O grupo tem muito pouco a dizer durante o resto da noite. Uma profunda solenidade paira no ar, amortecendo qualquer aparência de bom ânimo, como folhas molhadas em um fogo minguento. Ninguém oferece qualquer conversa, o reservatório de piadas de Apollo secou. Todos estão se perguntando para onde irão a partir daqui, ponderando sobre o tipo de pessoa que são em circunstâncias como esta. Eles avançam em direção ao perigo ou voltam para um terreno seguro e familiar. É uma questão que eles terão que resolver por si próprios, de preferência antes do nascer do sol.

Eu já tenho minhas próprias perguntas.

Cerca de uma hora depois da partida de Rob, desejo boa sorte ao resto do grupo e vou até o carro de Lilith e Eva. Minha bolsa está apoiada no banco da frente, com um fio preto saindo da porta de carregamento. Decidi não contar à dupla que estou carregando o detonador de um explosivo de nível militar a menos de dez metros de distância delas. Talvez saia durante a transmissão. Se vocês estão ouvindo isso, desculpe, meninas.

Pego minha bolsa e, verificando se ninguém está olhando, vou direto para uma área arborizada. Marcho pelo pequeno bosque com o ar parado, os sons do comboio desaparecendo rapidamente atrás de mim. Na escuridão do fim da tarde, com a lua envolta por

uma legião de árvores tortas, fico intrigada por não estar com medo. Vi o que acontece nesta estrada e, ao passar pelo bosque e entrar no campo vizinho, isolando-me intencionalmente do resto do grupo, tenho plena consciência de que a ajuda não virá até mim. Mesmo assim, à medida que o milho cresce em todas as direções ao meu redor, sinto-me quase incapaz de sentir medo. Os acontecimentos do dia esgotaram as minhas emoções e agora estou com todos os meus sentimentos desligados, só me resta uma coisa clara em minha mente; um desejo irresistível de descobrir esse caminho, independentemente do que possa acontecer.

Julgando que a distância que percorri está aceitavelmente fora do alcance do comboio, tiro o bloco de C4 da bolsa e coloco-o no chão. Cerrando os dentes, meu corpo se encolhendo de pavor autoinfligido, pressionno o botão liga/desliga do Nokia e espero que algo aconteça. Minhas preocupações com a desintegração instantânea diminuem um pouco quando a imagem granulada de duas mãos estendidas aparece, rapidamente substituída por uma tela de menu.

Trabalho rápido, as palavras no pacote de papel pardo me lembram constantemente do que estou colocando em risco a cada segundo que passa.

Em primeiro lugar, digito meu próprio número no telefone, presumindo, ou pelo menos esperando, que o mecanismo não seja ativado pelas chamadas efetuadas. Alguns segundos depois meu celular toca, me dando o número do Nokia. Verificando os registros de chamadas, encontro um segundo número diferente, que parece ter feito uma ligação três vezes em rápida sucessão. Se eu fosse uma apostadora, o que às vezes sou, sugeriria que esse número pertence a quem construiu a bomba, e as ligações representam uma tentativa de testar o gatilho antes de sua implementação. Se eu estiver certa, então este deveria ser o número pessoal de quem estava dirigindo o carro acidentado.

Minha terceira descoberta é um pouco mais intrigante. Nenhuma mensagem de texto foi enviada deste telefone, no entanto, há uma única mensagem na caixa de entrada do telefone. É de um terceiro número separado e diz o seguinte:

“Por favor, não faça isso, Rob.”

Eu fico olhando para essas poucas palavras, as novas informações se chocando desconfortavelmente com minhas teorias já preconcebidas. Se acreditarmos neste texto, e se minhas deduções anteriores forem precisas, isso significa que Rob Guthard estava dirigindo o carro. Que o C4 no porta-malas pertencia a ele. Todo esse tempo pensei que Rob poderia ter sido responsável por algo terrível, mas e se ele próprio tivesse saído da estrada? Se for esse o caso, isso leva a uma questão totalmente nova... Quem foi o responsável pelo seu acidente?

Quando começo a pensar sobre isso, o ar explode ao meu redor.

Sou arrancada da minha investigação por uma voz poderosa e ecoante que reverbera no próprio ar. O milho entra em frenesi enquanto o barulho ecoa em todas as direções, como se fosse falado pelo próprio ar.

VOZ: Eu vi você questionando.

Sem hesitar um segundo, desligo o Nokia e jogo o bloco de anotações na bolsa. Eu fico de pé e examino o milharal em busca de quem proferiu as palavras, recuando em direção ao comboio. De repente, percebendo o quão longe estou dos meus amigos, começo a correr, minhas botas batendo na terra enquanto fujo de volta para a floresta.

Menos de um minuto depois, saio por entre as árvores, minha bolsa balançando com o peso do bloco. Todos estão em seus carros, aparentemente dormindo. Estou começando a pensar que eles estão no caminho certo. Sem ninguém com quem conversar e com um longo dia pela frente, suponho que não há outro recurso a não ser recuperar o fôlego, escrever meus pensamentos imediatos e, finalmente, descansar um pouco.

Sinto uma pressão surda atrás dos meus olhos enquanto caminho em direção ao Wrangler. Abrindo silenciosamente a porta traseira ao lado da minha área de dormir, escondo cuidadosamente o bloco sob minha bagagem. Então, fechando a porta silenciosamente, vou até o lado do passageiro, onde minhas anotações estão esperando para serem digitadas.

Estendo a mão e agarro a alça, apertando-a com força. Eu não abro a porta. Na verdade, depois de um momento olhando através do vidro, eu solto tudo.

A pressão atrás dos meus olhos cede e, antes que eu perceba, deslizo para o chão úmido, com as costas apoiadas no metal frio e duro da porta. Um gemido fica preso na minha garganta enquanto grossas lágrimas escorrem pelo meu rosto. Minha respiração estremece quando inspiro, e minha tentativa de expirar representa para o mundo um soluço baixo e decrescente. As lágrimas me pegam de surpresa, mas não as enxugo. De uma forma agridoce, elas são bem-vindas, até necessárias. Elas carregam consigo uma sensação familiar de libertação comovente. Quando secam, sinto que talvez consiga superar os acontecimentos do dia. Os sons na minha cabeça estão um pouco mais baixos agora.

BONNIE: Você está bem, querida?

Estou me levantando quando vejo Bonnie andando com cuidado até o Wrangler. Eu me afasto, um pouco envergonhada por ter sido pega.

AS: Eu não sabia que você estava acordada.

BONNIE: Tenho sono leve e Martin... Clyde ronca. Você precisa de alguém para conversar?

AS: Acho que só preciso dormir. Obrigada Bonnie.

BONNIE: Meu nome é Linda, se você está se perguntando.

AS: Alice.

BONNIE: É um nome lindo. Bem, Alice, eu sei que não falo muito, mas sei ouvir... Se você quiser.

Pela primeira vez desde que o pinheiro caiu, me vejo sorrindo. É um sorriso fraco, mas mesmo assim um sorriso.

AS: Obrigada, Linda. Eu vou aceitar isso mais tarde. Tenha uma boa noite.

BONNIE: Boa noite.

Bonnie começa a voltar para o carro, antes de parar e se virar. Uma última peça de conforto para oferecer.

BONNIE: E lembre-se, tudo ficará bem quando chegarmos a Wintery Bay.

Eu franzo a testa um pouco, sem saber o que Bonnie quer dizer. Ela sorri de volta inexpressivamente e então retoma o caminho de volta para o carro. Ela já mencionou esse lugar antes, ao sair de Jubilation, no que parecia ser um momento de reminiscências. Como ela mencionou isso agora não parece uma reminiscência.

Depois de tudo o que aconteceu, de todas as suspeitas que tenho direcionado a Rob, de toda a minha preocupação com Ace. Há algo de errado com Bonnie?

Talvez eu esteja entendendo mal, talvez Bonnie tenha falado mal, mas mesmo assim, o breve conforto que suas palavras me proporcionaram já desapareceu, deixando em seu lugar um sentimento familiar de confusão e paranoia.

Entro no lado do passageiro, digito algumas notas urgentes e depois subo no colchão de ar. O sono não vem facilmente. Fecho os olhos e tento me convencer de que amanhã será melhor que este dia angustiante. No entanto, sempre que apresento esse argumento específico, uma voz na minha cabeça responde:

“Isso pode depender de qual caminho você virar.”